

De como o acontecimento se torna: reflexões sobre experiência e partilha

How an event becomes: reflections on the experience and sharing

Angela Zamin

Docente da Universidade Federal de Santa Maria, Brasil. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil. E-mail: angelazamin@gmail.com

Lara Nasi

Docente da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria, Brasil. E-mail: nasi.lara@gmail.com

Reges Schwaab

Docente da Universidade Federal de Santa Maria, Brasil. Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: reges.ts@gmail.com

Resumo:

Ao considerar que o acontecimento não é apenas da ordem do que ocorre, mas de como ele se torna, o artigo se volta para a relação que partilhar a experiência e dar a conhecer denotam. O presente texto analisa os livros *Palestinos, os novos judeus* (1977) e *Entre árabes e judeus: uma reportagem de vida* (1991), da jornalista Helena Salem, do *Jornal do Brasil* à época da Guerra do Yom Kippur. Com apoio em uma leitura da narrativa, o artigo considera os livros como espaço de reflexão sobre a prática e o saber jornalísticos, de elaboração da crítica, de formulação da experiência e de fixação da memória.

Palavras-chave:

Jornalismo Internacional; Acontecimento; Experiência; Conflito Israel-Palestino.

Abstract:

Assuming that the event is not only about what occurs, but how it becomes, in this essay we observe the relation denoted by sharing the experience and make known. We analyze the books *Palestinos, os novos judeus* (1977) and *Entre árabes e judeus: uma reportagem de vida* (1991), both written by Helena Salem, reporter of *Jornal do Brasil* at the time of Yom Kippur War. In the text, with support in a narrative approach we consider the books as a space of reflection on the journalistic practice and knowledge, of elaboration of the critique, formulation of experience and fixing of memory.

Keywords:

International Journalism; Event; Experience; Israeli-Palestinian Conflict.

1 Considerações iniciais

O reconhecimento do tempo que se consuma via narrativa toma forma por um gesto de “apresentação experimental do mundo, que põe continuamente a realidade à prova” (MOTTA, 2012, p. 220). No âmbito da experiência social partilhada, a narrativa jornalística sonda de forma intermitente o tempo e o espaço, alimentando a produção de novos sentidos no círculo hermenêutico que dá base para a ação dos sujeitos. Narrar é atribuir sentidos à experiência.

A experiência individual ou social é dominada por acontecimentos de natureza diversa, posto que o mundo está sujeito, segundo Groth (2011), à variação dos seus objetos. Alguns acontecimentos perturbam ou rompem com a ordem das coisas, modificando o estado do mundo, a seriação. Nas palavras de Mouillaud (2002), não existe nada no momento do acontecimento. O acontecimento social não é um objeto acabado que se encontra em alguma parte da realidade, cujas propriedades nos são dadas a conhecer de imediato.

O acontecimento não é o que acontece simplesmente; é aquilo que ao acontecer “produz alterações significativas na realidade presente das pessoas” (CHAPARRO, 2001, p. 41). Quando se produz, o acontecimento rompe com o correr das coisas “no nosso quadro experiencial”, segundo os termos de Goffman (1991), provocando descontinuidades. Logo, o sentido do acontecimento está na experiência (BABO LANÇA, 2005; MOUILLAUD, 2002; QUÉRÉ, 2005). O acontecimento não é apenas da ordem do que ocorre, mas de como ele se torna. Este “tornar-se”, que Quéré (2005, p. 61) retira de Mead, implica que ao acontecer ele acontece a alguém. É porque ele afeta alguém, é suportado, suscita reações, que ele “se torna”. Ao acontecer, o acontecimento “afecta a continuidade da experiência porque a domina” (*Idem, ibidem*).

Inserido no campo dos estudos em Jornalismo, o presente artigo se volta para a relação que partilhar a experiência e dar a conhecer dão a ver. Considera que “o efeito específico tanto do testemunho como da transmissão da experiência é um efeito de natureza predominantemente informativa, na medida em que se trata de dar a conhecer a alguém uma experiência a que não teve acesso directo e imediato” (RODRIGUES, 1997). Por este viés, tomam-se relatos de repórteres a quem a tarefa

de dar a ver os acontecimentos levou-os a experienciá-los. Para tanto, analisa-se os livros *Palestinos, os novos judeus* (1977)¹ e *Entre árabes e judeus: uma reportagem de vida* (1991), da jornalista Helena Salem, redatora de Internacional do *Jornal do Brasil* (JB) à época da quarta guerra entre árabes e israelenses, no início dos anos 1970.

A experiência do acontecimento a afetou a ponto de reelaborá-la nestes livros, além de um terceiro, *O que é a questão palestina* (1982), da *Coleção Primeiros Passos*, da editora *Brasiliense*. Inserido em uma pesquisa mais ampla, gestada no interior do *Resto – Laboratório de Práticas Jornalísticas* (CNPq/UFSM), voltada a temas do contemporâneo no jornalismo, o artigo considera os livros como espaço de reflexão sobre a prática e o saber jornalísticos e de elaboração da crítica, por uma parte, e como lugar de formulação da experiência e de fixação da memória, por outra. Busca-se empreender uma reflexão que transita entre o acontecimento e a experiência, tomando os livros de Helena Salem como suporte empírico.

Os livros da jornalista são examinados a partir do conceito de “livro de repórter”, como um relato que entrecruza elementos internos e externos à formulação jornalística (MAROCCO, 2011; ZAMIN, 2011), além de uma escrita de si (ARTIÈRES, 1998). Reportagens sobre Guerra do Yom Kippur, publicadas pela jornalista entre outubro de 1973 e janeiro de 1974, na condição de enviada especial do JB, quando acionadas, não têm o caráter metodológico de comprovar a exatidão das informações apresentadas nos livros. Pretende-se, segundo a orientação de Rosenthal (2006, p. 194), manter uma vigilância epistemológica que possibilite preservar a *Gestalt* dos livros, sem deixar “de aproveitar o texto ou a história de vida como realidade em si mesma”.

Na leitura construída, a travessia da jornalista reforça a costura que emerge no gesto de dar a ver a experiência. Desde a infância, a condição de judia é crucial para Helena Salem colocar em perspectiva diferentes temas com os quais irá se deparar no exercício profissional, moldando sua atitude intelectual. Na escola e em sua juventude, contesta estereótipos em torno das capacidades intelectuais ou traços de comportamento negativos dos judeus. Na vida profissional, a jornalista judia não sionista vai encontrar um editor também judeu, porém pro-sionista. A questão

¹ O livro foi publicado em Portugal, em 1978, sob o título *Palestinianos, os novos judeus*.

palestina emerge aparece também em paralelo a traços de um Brasil classificado, à época, como terceiro mundo, levando Helena Salem a paralelos entre a condição econômica e social dos palestinos e da população nordestina e das favelas. No período da ditadura militar brasileira, a situação de exilada igualmente merece ser lembrada. Mesmo anistiada, tendo retornado ao país de origem, jamais deixará de fazer ecoar o que a constitui.

2 Sobre tornar-se enviada especial (e/ou correspondente de guerra)

Ao atribuir sentidos aos acontecimentos, o Jornalismo coloca-se também como alguém a quem o que acontece, acontece e, igualmente, como “[...] aquele que o testemunhou, aquele que o observou a distância, aquele que dele teve informação e o recebeu nas narrativas, aquele que se surpreendeu e emocionou, aquele que reagiu” (BABO LANÇA, 2005, p. 93).

Helena Salem assumiu a condição de enviada especial do JB porque se encontrava no Cairo, Egito, no momento em que o acontecimento irrompeu, a Guerra do Yom Kippur, como ficou conhecida no Ocidente, ou Guerra do Ramadã para o mundo árabe. Para a jornalista, tanto a condição de enviada especial² era novidade como estar em uma guerra. Assim, seus livros permitem sondar nuances de como o acontecimento se torna, quer para a jornalista, enquanto aquela a quem o ocorrido ocorreu; quer para o Jornalismo, que “busca transmitir uma experiência a que o destinador não teve acesso direto e imediato” (AMARAL, 2013, p. 185).

Em 3 de outubro de 1973 ao chegar ao Egito para passar três meses nos países árabes e um em Israel, Helena Salem (1948-1999) deparou-se com os boatos de uma guerra. “Espere, você verá, nos próximos dias terá uma nova guerra” (SALEM, 1977, p. 2) foi a sentença de um funcionário da Liga Árabe a Helena, proferida em 5 de outubro e repetida no dia seguinte, quando as tropas egípcias começaram a avançar em direção ao Canal de Suez e as sírias sobre as colinas de Golan. “O que vim fazer numa guerra?” (SALEM, 1991, p. 27) interrogou-se para, em seguida, ouvir o chefe da equipe da RAI, empresa de televisão e rádio estatal

² O enviado especial, embora com tenha as mesmas funções do correspondente, “viaja por períodos curtos com a missão de cobrir um evento específico.” (SILVA, 2011, p. 15).

italiana, indagá-la se “não iria entrar em contato com o jornal” (*Idem, ibidem*) no Brasil. “Talvez percebesse minha inexperiência, e a pergunta fosse mais uma dica” (*Idem, ibidem*), complementa.

Helena não foi para o Cairo na condição de repórter, mas para experienciar³ o Oriente Médio quando da conclusão de uma especialização em Relações Internacionais, cursada em Florença, Itália. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1970, a jornalista havia ingressado dois anos antes no *Jornal do Brasil*, como redatora de Internacional, quando a guerra árabe-israelense “estava em baixa, perfeito para uma principiante” (SALEM, 1991, p. 12). Todavia, em 1970, a morte do presidente egípcio Gamal Abdel Nasser – importante personagem da Guerra dos Seis Dias, em 1967 – recolocou o conflito em pauta. Em 1972, Helena havia adquirido prática na cobertura do Oriente Médio, quando se licenciou temporariamente do jornal⁴ para estudar na Itália. Segundo a jornalista,

Tratava-se de uma viagem até certo ponto desprezível [...] Como redatora da Editoria de Internacional do *Jornal do Brasil*, [...] especializara-me em assuntos do Médio Oriente – isto é, especializara-me tanto quanto é possível fazê-lo à distância, sem conhecer vivencialmente o povo de quem falava. Por isso mesmo, quando em 1972, ganhei uma bolsa de estudos de aperfeiçoamento em Política Internacional; para a Itália, decidi que ao final de meu curso faria uma viagem pelo mundo árabe e Israel, com o objetivo de conhecer de perto o que eu conhecia relativamente bem em teoria. (SALEM, 1977, p. 1, grifo no original).

Para informar ao JB que se encontrava no Egito e à disposição do jornal, Helena Salem contatou o correspondente do periódico na Itália, Araújo Netto, por meio de telegrama, porque não havia como telefonar diretamente ao Brasil, uma vez que “qualquer comunicação deveria ser feita em idioma capaz de ser entendido e censurado pelas autoridades” (SALEM, 1991, p. 28). Quatro dias após o contato, um telegrama do JB solicitava à jornalista contatar a embaixada brasileira e a agência *United Press International* e lhe desejava sorte. Após as primeiras matérias, deu-lhe financiamento para permanecer na região.

³ Do verbo experienciar (experiência + ar), “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 21). Ainda, “a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo” (p. 25).

⁴ Neste período produziu como *freelancer* para o próprio JB, especialmente para o *Caderno de Turismo*.

Em *Palestina, os novos judeus*, Helena Salem atribui a si a função de enviada especial do JB: “[...] minha viagem perdia o caráter desprezioso, transformara-me em ‘enviada especial’. Para mim uma grande oportunidade profissional, e para o JB uma sorte talvez maior, já que encontrara uma ‘enviada’ *in loco*, mais importante ainda considerando que o aeroporto do Cairo encontrava-se fechado” (SALEM, 1977, p. 4). No entanto, em *Entre árabes e judeus*, ao refletir sobre este momento duas décadas mais tarde, afirma que “virava correspondente de guerra, no Egito” (SALEM, 1991, p. 29). No obituário de Helena Salem, tanto o jornal *Folha de S. Paulo*⁵ como a revista *Veja*⁶ a apresentam como a primeira correspondente de guerra brasileira, enquanto *O Estado de S. Paulo* a descreve apenas como correspondente de guerra, sem a indicação de posição (SILVA, 1999).

Em *Correspondente internacional*, Silva (2011), fala da dificuldade em precisar quem foram os primeiros correspondentes brasileiros. Usando a expressão “palpite”, atribui à Dulce Damasceno de Brito o lugar de primeira mulher correspondente internacional por ter sido enviada pela revista *O Cruzeiro* e pelos jornais do grupo *Diários Associados* para Hollywood, em 1952 e lá permanecendo por 16 anos (SILVA, 2011, p. 48). Antes dela, segundo o autor, Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt, esposa do proprietário e diretor do *Correio da Manhã*, Paulo Bittencourt, havia trabalhado na Europa para a agência *United Press* e acompanhado a Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Quando se refere aos correspondentes de guerra brasileiros, explica que Sylvia “assinava seus despachos com o pseudônimo de Majoy” (*Idem*, p. 72), que a atividade “não chegava a ser algo regular” (*Idem*, p. 48) e que “ficou pouco tempo com a FEB, pois a agência não se interessava muito pela sua missão” (*Idem*, p. 73).

Primeira correspondente de guerra brasileira ou não, o fato é que Helena Salem cobriu a Guerra do Yom Kippur para o JB desde o Egito, possibilitando ao jornal estar geograficamente entre árabes e judeus naquela ocasião, uma vez que mantinha um correspondente em Israel. Após o cessar fogo, a jornalista esteve em Beiture, no Líbano, para contatar palestinos em campos de refugiados, além de

⁵ Morre no Rio a jornalista Helena Salem. **Folha de S. Paulo**, Mortes, São Paulo, ano 79, n. 25.712, 26 ago. 1999. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1999/08/26/264//663185>>. Acesso em: 31/03/2015.

⁶ Datas. **Veja**, São Paulo, ano 32, n. 35, edição 1613, 1 set. 1999.

líderes e combatentes da Resistência Palestina; voltou para África e foi à Argélia, para cobrir em Argel a Conferência de Cúpula Árabe; seguiu para a Tunísia, para melhor compreender o Maghreb (formado também por Argélia e Marrocos); voltou para a Ásia, via Roma, percorrendo Amã, na Jordânia; Damasco, na Síria, e outra vez Beirute e Cairo.

A cobertura da guerra árabe-israelense no *Jornal do Brasil* se iniciou em sete de outubro de 1973, sob o selo de cobertura A Guerra do Yom Kippur. O JB contou, inicialmente, com os correspondentes Nahum Sirotsky,⁷ de Israel; Octávio Bonfim, de Nova Iorque; Robert Dervel Evans, de Londres; os *freelancers* A. Drori e Henry Raymont, como Especial para o JB; a redação da Sucursal Brasília e a editora de Internacional Clecy Ribeiro. Também, artigos de opinião comprados do *The New York Times* e do *The World Today*. Contudo, a maior parte das informações teve como origem as agências *United Press International* (UPI) e *Associated Press* (AP), estadunidenses; *Agence France Presse* (AFP), francesa; *Agenzia Nazionale Stampa Associata* (ANSA), italiana, além da própria *Agência Jornal do Brasil* (AJB), fundada em 1966.

Helena Salem aparece pela primeira vez como enviada especial em 14 de outubro de 1973. Na capa da edição, o JB destaca: “A enviada especial do JORNAL DO BRASIL no Cairo, Helena Salem, informa que [...]” [grifo no original].⁸ Também nesta data, no segundo clichê⁹ publicado pelo jornal, passa a assinar uma coluna como enviada especial (SALEM, 1973a, p. 22). A última reportagem como enviada especial é de 30 de janeiro de 1974. Do Cairo, a jornalista aborda uma questão cultural, o uso de véu pelas mulheres árabes (SALEM, 1974, p. 22).

⁷ Importante ressaltar que no mesmo período Nahum Sirotsky ocupa a função de correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*, neste sob o pseudônimo Nelson Santos. Sirotsky foi correspondente nos Estados Unidos, na década de 1940, para *O Globo*, em Israel, de 1971 a 1973, para o *Jornal do Brasil* e *O Estado de S. Paulo*, e a partir de 1995, também em Israel, para a *Rádio Gaúcha* e o jornal *Zero Hora*.

⁸ Arábia Saudita ameaça os EUA. **Jornal do Brasil**, Ano LXXXIII, n. 189, p. 1, 14 out. 1973. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=93465>. Acesso em: 31/03/2015.

⁹ De acordo com o Manual da Redação (1996), do jornal *Folha de S. Paulo*, “as expressões primeiro clichê, segundo clichê e assim por diante designam as edições sucessivamente atualizadas do jornal em um mesmo dia”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fohla/circulo/manual_edicao_c.htm>. Acesso em: 31/03/2015.

3 Entre árabes, uma judia de sobrenome árabe

O deslocamento do *acontecer* ao *acontecer a* sugere que o acontecimento “tem de ser compreendido no âmbito da vida” (SANTOS, 2005, p. 79). Nesta direção, Rebelo (2005) fala que assumir as fraturas geradas pelo acontecimento como nossas, por meio dos quadros de sentidos que dispomos, é auxiliar para a sua compreensão. O cotidiano se dá entre problemas, “que são e não são os nossos” (REBELO, 2005, p. 57), ou seja, apesar de exteriores, por um processo de naturalização, são percebidos como sendo os nossos problemas.¹⁰ Para Heller (2008, p. 35), também neste sentido, “reagimos a situações singulares, respondemos a estímulos singulares e resolvemos problemas singulares. Para podermos reagir, temos de subsumir o singular, do modo mais rápido possível, sob alguma universalidade”.

A identidade funda-se, ao mesmo tempo, por meio de diferenças e singularidades. As diferenças vinculam-se à alteridade: ser um é não ser outro. “O fato de um indivíduo ser judeu, católico, cigano, índio, negro, umbandista, japonês etc. coloca-o como parte de uma categoria social, que, dependendo do contexto, poderá ser valorizada ou ser objeto de discriminação ou estigmatização” (VELHO, 1981, p. 44). Segundo Follmann (2001), ao se manifestar na sociedade, em diferentes grupos ou expressões coletivas, o sujeito individual aciona e altera processos de identidade:

É na maneira com que um indivíduo ou grupo (uma coletividade) estabelece a relação entre seu futuro e seu passado ou, ainda, entre seus projetos e sua trajetória, que temos, de forma particular, as indicações principais para desvendar qual é sua identidade. Pode-se definir identidade como resultante, em grande parte, da tentativa constante de buscar a coerência lógica entre as experiências vividas e aquilo que se tem como objetivo. (FOLLMANN, 2001, p. 51).

Judia de sobrenome árabe. Reiteradamente este foi o modo de nomear a jornalista Helena Salem. A função de redatora da editoria de Internacional do *Jornal do Brasil* contribuiu para isso. “Nas primeiras matérias que assinei sobre o tema, e em todas ao longo dos anos seguintes, invariavelmente tomavam-me como de origem

¹⁰ Ponte (2005 apud REBELO, 2005, p. 58) sugere que os *media* conduzem processos de naturalização ao converterem fragmentos em uma “unidade indivisível”.

árabe. São muitos os Salem árabes, em todo o Oriente Médio e fora dele; poucos os judeus” (SALEM, 1991, p. 11). Durante o período em que esteve nos países árabes, Helena não fez questão de desfazer a associação que o sobrenome despertava, “Salem, árabe, não é?” (*Idem*, p. 36). “Não que inexistissem correspondentes ou enviados judeus na região [...]. Mas eram judeus conhecidos, respeitados na área como gente de confiança, credibilidade, e de veículos poderosos internacionalmente” (*Idem*, p. 35), afirma, e complementa: “Não uma judia brasileira” (*Idem*, p. 36).

Filha de pai judeu sefardita¹¹ de Esmirna, Turquia, e mãe brasileira, porém judia, Helena Salem optou por construir um lugar para si em meio aos jornalistas e às autoridades que circulavam pelo hotel e pelo Centro de Imprensa no Cairo. Primeiro omitira a origem judia, depois afirmara que Salem era de origem turca e, por fim, árabe-cristã. O movimento de apresentar-se como Salem de origem turca logo se revelou causador de constrangimento naquele que a interpelava. Ao constatar o acanhamento dos jornalistas árabes com quem interagia, Helena Salem buscou as razões que provocavam tal reação. “Não recordo exatamente quando deu o estalo” (SALEM, 1991, p. 36), afirma, para concluir que “ser turco não era tão ruim quanto judeu, mas era péssimo. Afinal, os turcos dominaram os árabes durante séculos, uma animosidade histórica” (*Idem*, p. 37).

Como não havia outra saída para um Salem – ser judeu ou ser árabe –, Helena optou por uma identidade mais próxima de seu universo cultural, de uma judia que estudou em colégio protestante e conviveu com vizinhos católicos; passou a ser “árabe, e árabe-cristão, libanês, de Beitute” (SALEM, 1991, p. 37).

Se admitisse a origem muçulmana, não saberia como me mexer, correria o risco de me trair. Pode-se sempre ser mais livre como ‘o outro’. ‘O outro’ é, inevitavelmente, de alguma forma diferente, desconhecido. Ser cristã, entre uma maioria muçulmana, me possibilitaria não ser cobrada, e ser incoerente. Além do mais, o que estaria fazendo uma mulher muçulmana, filha de libanês ou sírio, sozinha no meio de uma guerra? Que Mohamed Salem deixaria assim a filha sair pelo mundo, como um homem? (O Maurício Salem, judeu oriental, também não deixava – só não tinha como impedir tal ousadia). (SALEM, 1991, p. 37).

A condição de judia, entretanto, foi confidenciada ao jornalista Saviolli, do jornal italiano *L’Unitá*, “o único para quem ousei abrir meu segredo – jurou-me

¹¹ Sefardita, ou sefardim, no plural, é o termo empregado para designar descendentes de judeus originários de Portugal e Espanha.

silêncio, e cumpriu” (SALEM, 1991, p. 54). A revelação, segundo a jornalista, resultou de um sentimento de fraternidade pelo fato de que, dias antes, Saviolli tinha confiado a ela três amigos: Chehata, Mohammed e Hassan, ex-militantes do Partido Comunista Egípcio, dissolvido pelo presidente Nasser no início dos anos 1960, que em comum tinham, ainda, sucessivas prisões. Com “o negro Mohammed, o judeu Chehata, o árabe moreno Hassan” (*Idem*, p. 57) “sentia como se tivesse, enfim, encontrado a minha turma: entre aqueles homens sem nenhum poder, cheios de sonhos e sorrisos, otimistas por convicção ou necessidade de sobrevivência”, acrescenta (*Idem, ibidem*). Helena confidencia em *Entre árabes e judeus* (1991) que no segundo encontro com os novos amigos contou que era judia. “Meu segredo não foi nada para eles. Foi tão simples” (*Idem, ibidem*).

Em sentido inverso, a relação amistosa de Helena Salem com o correspondente do *Pravda* fixo no Cairo, o russo Anatoly, se deteriorou quando este lhe confidenciou seu segredo. A caminho do aeroporto, Anatoly passou-lhe o contato de um amigo em Beirute que partilhava de suas ideias: “O grande problema do mundo são os judeus, historicamente a burguesia é judaica” (SALEM, 1991, p. 62).

Imersa nos desdobramentos do acontecimento e suas reverberações, durante parte da cobertura, Helena escreveu solitariamente, sem saber o destino e a repercussão das reportagens e artigos que produzia, uma vez que o JB não estabelecia contato, nem por telefone nem por correio. À medida que trabalhava à procura da matéria do dia e da permissão para ir ao *front*, Helena Salem foi se habituando ao contexto. “Naquele mundo que no início julgara tão estranho, sentia-me em casa” (SALEM, 1991, p. 70). Tal constatação retorna como justificativa para “o maior equívoco” de sua vida profissional, o de ter entrevistado um judeu-egípcio. “Solicitei no Centro de Imprensa que me apresentassem um ‘judeu normal egípcio’. Arrumaram-me, claro, um exemplar ‘feliz e integrado’, melhor impossível” (*Idem, ibidem*).

A reportagem *Judeus no Egito têm completa liberdade* (SALEM, 1973b, p. 24), publicada pelo JB em 18 de novembro de 1973, gerou descontentamento da colônia judaica no Brasil, já inconformada pelas matérias diárias que relatavam o que ocorria no mundo árabe, segundo o chefe de redação do jornal, Carlos Lemos. “Com aproximadamente 500 membros, a pequena comunidade judia no Egito desfruta hoje

de total liberdade, frequentando normalmente a sinagoga e dispondo dos mesmos direitos civis do resto da população”, afirma Salem na abertura do texto, trazendo a seguir excerto da fala do entrevistado, entre aspas, que a confirma: “‘Posso dizer-lhes francamente que somos muito bem tratados’, declarou-me o presidente da comunidade, Félix Iscaki”. No restante do texto, Salem descreve processualidades da entrevista, como a língua em que conversaram, o cenário e apresenta dados sobre os judeus no Egito trazidos pela fonte.

Na coluna *Carta aos Leitores*, de 31 de outubro de 1973, Alejandro Franco, professor, elogia a cobertura da Guerra do Yom Kippur pelo JB e, especialmente, o trabalho da enviada especial Helena Salem e de A. Drori, Especial para o JB:

Como muitos cariocas, devorei nestes dias todas as páginas de notícias internacionais trazidas pelos veículos que aqui circulam: *Veja*, *Visão*, *Manchete*, *Time*, *Newsweek*, *Economist*, *L'Express*, *Le Point* ou *Le Nouvel Observateur*. Ostento tanto alarde de pesquisa dispersiva apenas para dar mais peso à conclusão final a que cheguei: em nenhum desses órgãos encontrei cobertura mais completa, espírito de síntese mais coerente, mais acertada escolha da notícia significativa e maior isenção de animo que em seu JB. Permita que o congratule por mais essa performance. Quero salienta particularmente a satisfação de ter descoberto dois novos talentos, revelados pelo JB nesta oportunidade: a repórter Helena Salem e o comentarista A. Drori. (FRANCO, 1973, p. 6).

No retorno ao Brasil, em fevereiro de 1974, após quatro meses no Oriente Médio, mais uma vez o fato de ser judia veio à tona, agora no interior do próprio JB. O jornal havia trocado a direção jornalística, antes chefiada pelo jornalista Alberto Dines – “que, embora sem esconder sua posição francamente pró-israelense, era aberto e consciente o bastante para prestigiar o trabalho de um bom profissional e querer oferecer ao leitor os vários aspectos de uma realidade” (SALEM, 1977, p. 10) –, e optou por manter Helena Salem em silêncio. “Não faltaram grotescas acusações, aqui e ali, de ‘judia anti-semita [antissemita]’” (*Idem, ibidem* [acréscimo nosso]).¹²

4 A rejeitar qualquer fórmula definitiva

¹² Antissemita, segundo a nova ortografia.

De acordo com Quéré (2005), há sempre um campo no qual é produzida a observação do acontecimento. “A observação e a interpretação de um acontecimento singular efectuam-se pois numa situação ou num campo” (QUÉRÉ, 2005, p. 71) porque, por esta perspectiva, o acontecimento tem um poder de esclarecimento. “A sua observação permite descobrir o campo do qual ele faz parte, identificar a situação na qual ele se insere” (*Idem, ibidem*). De certa forma, qualquer coisa que se enrede na experiência individual ou coletiva, em virtude de um acontecimento, para encaminhar um desenlace, por distinções, oposições ou contrastes, por esclarecimentos ou revelações, é permeada, segundo o autor, por uma estrutura de intriga.¹³

Helena Salem desdobra o conflito Israel-Palestino tomando por referência sua experiência individual e coletiva. Ao ocupar-se do acontecimento e de como ele se torna, aciona sua condição de mulher, de judia de sobrenome árabe, de latino-americana e de jornalista. Se o sentido do acontecimento está na experiência, as reações que ele provoca contribuem para que ele se torne de uma maneira e não de outra. Ao assumir as fraturas provocadas pelo acontecimento como suas, afirma que se “não fosse o acaso, lucidamente tinha consciência de que nenhum jornal, [...] enviaria alguém como eu [ela] – jovem, inexperiente, mulher – para uma guerra daquelas” (SALEM, 1991, p. 46 [acréscimo nosso]). Todavia, por meio daquilo que a constituía, construiu sua posição de enviada especial e tornou-se reconhecida como correspondente de guerra.

O fato de ser não “apenas a única mulher”, mas “também a mais jovem” (SALEM, 1991, p. 46) entre os correspondentes no Egito, bem como a condição de judia, são características que marcam o lugar desde onde o relato do acontecimento se impõe. A condição de latino-americana é algo do qual a jornalista não abre mão e para a qual sempre retorna. É essa condição que permite estabelecer analogias, aproximando os leitores brasileiros do contexto que relata, como em *Palestinos, os novos judeus*, quando descreve campos de refugiados: “E miséria, muita também. Lembram nossas favelas, no aspecto” (SALEM, 1977, p. 41).

¹³ Uma intriga equivale, para Quéré (2005, p. 72), a “uma situação problemática, isto é, uma situação caracterizada por tensões, conflitos ou contradições, ou pela discordância entre os seus elementos [...]. Está-lhe subjacente um problema a resolver”. A intriga liga-se a um problema que, por sua vez, tanto pode ser facilmente circunscrito quanto ser conformado por uma série de elementos que se justapõem, se ramificam e se ligam a outros problemas correlatos, designados de campos problemáticos.

A ligação do Jornalismo com o efetivamente acontecido descortina as coisas, os lugares do mundo, a experiência humana. Como resultado, Helena Salem aciona e explora o campo de possíveis do acontecimento e toma a Guerra do Yom Kippur (Guerra do Ramadã) como um microacontecimento que se liga a outro, anterior, maior, o Acontecimento Conflito Israel-Palestino, e acaba por atualizá-lo. Microacontecimento porque “faz parte de uma série” (SANTOS, 2005, p. 81) indissociável, a realidade histórica do Oriente Médio. Sem deixar de considerar as perspectivas de leitura do acontecimento que experiência, a jornalista considera aquilo que, por vir antes, é parte.

A prática originada na experiência de coberturas anteriores, os interesses pessoais, a condição de vida e a compreensão do Jornalismo que constrói para si se entrelaçam nos rumos que a jornalista dá ao seu texto. “Entre os *The New York Times*, *Le Monde*, *Asahi Shimbun*, *Pravda*, *Paese Sera*, *L’Unità* e outros, pude somar, aprender, escolher, sintetizar, reelaborar os olhares, vivenciar concretamente a profunda relatividade da prática jornalística. O suficiente para rejeitar qualquer fórmula definitiva” (SALEM, 1991, p. 100, grifos no original).

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marcia Franz. A representação dos testemunhos no discurso das catástrofes ambientais: de sujeitos sociais a sujeitos discursivos. **Revista Fronteiras**, v. 15, n. 3, set./dez. 2013, p. 182-190.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, CPDOC FGV, v. 11, n. 21, 1998.

BABO LANÇA, Isabel. A constituição do sentido do acontecimento na experiência pública. **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, n. 6, 2005. p. 85-94.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.

FOLLMANN, José Ivo. Identidade como conceito sociológico. **Ciências Sociais**, Unisinos, São Leopoldo, v. 37, n. 158, p. 43-66, 2001.

FRANCO, Alejandro. Oriente Médio. **Jornal do Brasil**, 1973. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=94516>. Acesso em: 11/04/2015.

GOFFMAN, Erving. **Les cadres de l'expérience**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1991.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamentos da Ciência dos Jornais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan.-abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 11/04/2015.

MAROCCO, Beatriz. Os “livros de repórter”, o “comentário” e as práticas jornalísticas. **Revista Contracampo**, n. 22, p. 116-129, fev. 2011.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade. In: PEREIRA, Fábio H.; MOURA, Dione O.; ADGHIRNI, Zélia L. (Orgs.). **Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 219-241.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio D. (Orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 49-83.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, ISCTE/Fim de Século, n. 6, p. 59-75, 2005.

REBELO, José. Apresentação. **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, ISCTE/Fim de Século, n. 6, p. 55-58, 2005.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Comunicação e experiência. **BOCC**, 1997.

ROSENTHAL, Gabriele. A estrutura e a gestalt das autobiografias e suas consequências metodológicas. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaína. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 193-200.

SALEM, Helena. Guerra poderá mudar nos próximos dias. **Jornal do Brasil**, 1973a. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=93490>. Acesso em: 11/04/2015.

SALEM, Helena. Judeus no Egito têm completa liberdade. **Jornal do Brasil**, 1973b. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=95589>. Acesso em: 11/04/2015.

SALEM, Helena. A mulher árabe sob os véus do preconceito. **Jornal do Brasil**, 1974. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=99574>. Acesso em: 11/04/2015.

SALEM, Helena. **Palestinos, os novos judeus**. Rio de Janeiro: Eldorado-Tijuca, 1977.

SALEM, Helena. **Entre árabes e judeus**: uma reportagem de vida. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

SANTOS, José Manuel. Da perca do mundo à sociedade dos (mega)acontecimentos. **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, n. 6, p. 77-83, 2005.

SILVA, Beatriz Coelho. Morre no Rio a jornalista e escritora Helena Salem. **O Estado de S. Paulo**, 1999. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19990826-38663-spo-0143-cd2-d6-not>>. Acesso em: 11/04/2015.

SILVA, C. E. L. **Correspondente internacional**. São Paulo: Contexto, 2011.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade brasileira. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

ZAMIN, Angela. Livros de repórter, saberes de entremeio: relatos jornalísticos sobre a cobertura de conflitos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 8, p. 389-405, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2011v8n2p389>>.

Recebido em: 20.10.2016

Aceito em: 26.05.2017